

LOGOTERAPIA E ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL: A PESSOA EM CONDIÇÃO DE SOFRIMENTO INEVITÁVEL

*Profa. Dra. Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, INJ**

Resumo

A Pós-Modernidade caracteriza-se pela efemeridade e fugacidade das experiências existenciais. Muitas pessoas, no entanto, vivenciam experiências duradouras de sofrimentos inevitáveis e de vazio existencial. Viktor Frankl fundou a logoterapia como psicoterapia do sentido da vida. Tanto a logoterapia quanto a prática da orientação espiritual (aconselhamento pastoral) têm por objetivo conscientizar as pessoas que mesmo quando a vida não parece fazer qualquer sentido, ainda assim há um sentido que transcende toda a experiência humana. Este artigo se propõe encontrar uma interface da logoterapia com a orientação espiritual com o objetivo pastoral de ajudar a pessoas que vivem em sofrimentos inevitáveis.

Palavras-chave

Logoterapia. Orientação Espiritual. Viktor Frankl. Sofrimento. Sentido da vida.

Abstract

Postmodernity has been characterized by ephemerality and evanescence of life experience. However, many people live durable experience inevitable suffering and empty meaning in life. Viktor Frankl established the Logoterapia as psychotherapy of sense of life. Both Logoterapia and the practice of Spiritual Guidance (pastoral care) aim to make people aware that even when life does not seem to make any sense, yet there is a sense that transcends all human experience. This research aims to find an interface between Logotherapy and Spiritual Guidance to the pastoral goal of helping people living in inevitable suffering.

Keywords

Logotherapy. Spiritual guidance. Viktor Frankl. Suffering. Sense of life.

Introdução

A era das novas tecnologias, dos avanços científicos em todas as áreas do conhecimento, enfrenta o dilema paradoxal do empobrecimento das relações, da experiência do vazio existencial, da busca pelo suicídio e, ao mesmo tempo, de uma volta ao sagrado desvinculado das instituições religiosas. Cada vez mais as pessoas se fecham e se isolam em relações virtuais por meio das redes sociais. Com maior frequência, são absorvidas pelas múltiplas possibilidades de respostas rápidas e superficiais para os dilemas pessoais.

Em razão dos avanços tecnológicos e das comunicações que transformaram o Planeta numa “aldeia global”, o contexto pós-moderno expressa novas exigências e outros aspectos para os quais requer respostas mais consistentes. O momento atual exige opções para crises que são as mais diversas, e vão desde os problemas econômicos, políticos e sociais, aos familiares e religiosos, ou seja, tanto num âmbito global, quanto na esfera do privado. Diferente das épocas anteriores, o ser humano não se sente mais constrangido pelas tradições e por valores tradicionais e universais que lhes digam o que fazer. Então, sem saber o que teria que fazer ou o que deveria fazer, a pessoa da época atual não sabe mais o que basicamente intenta operar e vê-se, constantemente, imersa em um vazio interior ou com a sensação de falta de sentido na vida.

Ora, mas é justamente a vontade de sentido que é amplamente frustrada atualmente. Com uma medida crescente apodera-se do homem de hoje um sentimento de ausência de sentido, que entra em cena normalmente junto com um sentimento de “vazio interior” - trata-se do “vácuo existencial”. (FRANKL, 2012, p. 282).

Como consequência disso, ou o indivíduo entra num conformismo que o leva a fazer o que os outros fazem; ou num totalitarismo, isto é, que o impele a fazer o que os outros querem que seja feito. Isto significa que o homem de hoje precisa ser motivado pelo desafio de assumir posição original e criativa nos mais diversos contextos sociais, culturais e religiosos.

Significa também que, apesar do respeito à pessoa humana, do reconhecimento dos direitos civis, da liberdade religiosa e de expressão e da própria evolução tecnológica—evidências de que a sociedade evoluiu culturalmente – o ser humano pós-moderno não deixou de experimentar o vazio existencial e os mais diversos tipos de sofrimento; ao contrário, novas modalidades de sofrimento estão sendo vivenciadas em nossa época para as quais as ciências não encontram soluções.

A ideologia pós-moderna tenta mascarar todas as experiências existenciais como fugazes e efêmeras, no entanto, o problema do sofrimento humano não é vivenciado como emoção passageira e superficial. Ante os desafios impostos pelo processo da globalização cultural e da velocidade tecnológica do mundo virtual, o problema do sofrimento inevitável é uma demanda que exige uma atitude de clareza e discernimento válida para as pessoas de todos os segmentos culturais e religiosos da sociedade atual. Faz-se, então, necessário buscar uma resposta significativa para a demanda do sofrimento humano na Pós-Modernidade.

Nesse paradigma de experiências fugazes, que não parece favorável a ajuda a pessoas em condição de sofrimento inevitável, cabem algumas perguntas: no contexto do surgimento das psicoterapias, há alguma delas que leve em consideração uma dimensão positiva do sofrimento inevitável sem cair no masoquismo ou no mascaramento do sofrimento? Quais as contribuições das pessoas não terapeutas, no âmbito das religiões, que realizam orientação a pessoas em condição de sofrimento inevitável?

A metodologia da pesquisa que resultou neste artigo consistiu basicamente de pesquisa bibliográfica nas obras de Viktor Frankl, fundador da logoterapia, tendo em vista que, no contexto geral de sua época, enfrentou sofrimentos diversos nos campos nazistas de concentração, nos quais aprofundou os postulados da logoterapia, tendo como visão antropológica o homem como ser “espiritual” em busca do sentido para a vida. Como apoio à reflexão, e composição deste artigo, também serão usados alguns comentários à obra de Viktor Frankl.

1. Os Postulados da Logoterapia

No contexto da logoterapia, “logos” quer dizer “sentido”, pois o que realmente importa à existência humana é a realização de um sentido para a vida. Fundada por Viktor E. Frankl, nascido em 1905 em Viena, a logoterapia pretende reaver o ser humano do desespero com suporte na compreensão de que a existência humana não visa, em última instância, à busca de prazeres ou de poder; a pessoa nem sequer objetiva, em primeiro plano, a plena realização de si mesmo, mas possui um desejo inerente de preencher sua vida de sentido (FRANKL, 2001, p. 23; 2010, p. 76). A logoterapia chama a isto de “vontade de sentido”, a pulsão fundamental que move a vida humana. A logoterapia é uma psicoterapia centrada no sentido da vida, porque acredita haver ali uma força terapêutica.

O que é próprio do humano, ou seja, o que o diferencia dos demais seres, é a dimensão espiritual (noética) ou a capacidade de perguntar acerca

de tudo, inclusive sobre si mesmo (FRANKL, 2011, p. 28). Isto significa que, apesar de ser condicionado por diversos fatores como todos os demais seres vivos – como exemplo, sentir dores e pulsões, envelhecer e morrer – o ser humano, por sua capacidade de perguntar, pode encontrar a melhor maneira de reagir aos seus condicionamentos, encontrando respostas com base nas quais possa fazer escolhas com sentido.

A capacidade humana de fazer perguntas é aquela de encontrar sentido para cada experiência feita durante a sua existência. Por isso a resposta mais básica para a pergunta “quem sou?” é “sou livre” ou “posso escolher como reagir ao meu destino ao longo de minha existência”. Portanto, o ser humano está situado entre o “destino” e a “liberdade”.

Frankl nomeia de “destino” as situações que não sejam consequências de uma decisão pessoal, como sofrer um câncer, perder um ente querido etc. O ser humano está à mercê de condicionamentos biológicos, climáticos e de interação com o meio ambiente como acontece com os demais seres da natureza. Além disso, o ser humano também sofre condicionamentos psicológicos resultantes do modo como interage com acontecimentos, sentimentos e relacionamentos. São influências ou condicionamentos que restringem nossas escolhas, apesar dos quais sempre haverá um conjunto de opções em um quadro situado de possibilidades (FRANKL, 1978, p. 157).

Já o conceito de liberdade não está vinculado à noção de poder fazer tudo o que se quer. Também não significa estar livre de condicionamentos. Liberdade significa tomar posição ou fazer escolhas em quaisquer que sejam as condições nas quais se esteja inserido. É exatamente diante do destino, perante o que mais nos condiciona, à frente de algo que não escolhemos, é que somos verdadeiramente livres, porque podemos escolher como reagir a isto. E onde há escolha, há também responsabilidade pela escolha feita.

Por isso, se faz necessário pontuar uma distinção entre determinismo e pandeterminismo no âmbito antropológico. De fato, não podemos negar que o ser humano seja determinado, reconhecendo-se todos os componentes ou fatores que influenciam sua vontade livre. Quando se afirma, no entanto, que o ser humano é totalmente (pan) determinado, se está aceitando a teoria de que ele seja um resultante de certos fatores sem que haja a possibilidade de fazer escolhas. Sendo assim, não existiria a possibilidade de ser diferente do que se é. Frankl não aceita o pandeterminismo antropológico, isto é, que o ser humano seja completamente determinado por fatores vitais ou sociais, porque sempre é possível fazer escolhas de como se quer reagir a esses fatores condicionantes (LUKAS, 1989, p. 36).

Neste sentido, o ser humano não é seus instintos, mas tem instintos. Isso significa que toda diretriz instintiva está dentro de um horizonte de liberdade. Instintos, aqui, aparecem como sinônimo de pulsões, como inclinações sob o ponto de vista psíquico. De tal modo, no ser humano, não há instintos em si, não há facticidade instintiva. A liberdade é *a priori* ao que o instinto possa vir a determinar (LUKAS, 1989, p. 37).

A liberdade nos faz reconhecer que existem outras possibilidades além daquilo que o instinto nos sugere. Poderemos sempre decidir fazer algo totalmente diferente daquilo que o instinto nos quer obrigar a fazer. O ser humano é livre e sempre poderá escolher como reagir a tudo o que o condiciona. As contingências limitam as possibilidades do indivíduo, mas no interior dessas possibilidades sempre se poderá fazer escolhas (FRANKL, 2005, p. 53).

Portanto, a logoterapia critica todo tipo de psicologismo (facticidade psicofísica), automatismo e naturalismo, porque estes levam a uma compreensão distorcida do ser humano. Frankl tem uma concepção de homem como unidade biopsiconoética, ou seja, como ser que integra as dimensões somática, psíquica e noética, as quais se penetram perfeitamente. A logoterapia compreende o homem como *in-dividuum* (totalidade indivisa), *in-summabile* (totalidade não reduzível a uma das dimensões), como *unitas multiplex* (unidade na multiplicidade) (FRANKL, 2003, p.12). Isto porque, conforme Frankl, um conceito unificado do ser humano não pode ser obtido apenas nas dimensões psíquicas e somáticas. A unidade da pessoa se manifesta na dimensão noética, que é superior e abarca as duas outras dimensões inferiores.

Frankl (1995, p. 21) chega a definir a logoterapia como uma “[...] uma psicoterapia que parte do espiritual”. Portanto, a logoterapia é uma psicoterapia com suporte na dimensão espiritual (noética) humana. O que a logoterapia, porém, entende, de fato, por “espiritual”? Frankl designa “[...] como espiritual no homem aquilo que pode confrontar-se, nele próprio, com o social, o corporal e, inclusive, com o psíquico”. (1994, p. 100). Por conseguinte, a dimensão espiritual é compreendida mais como antropológica do que religiosa, e dela fazem parte a tomada de posição (liberdade) e as decisões pessoais, o senso ético e estético, a intencionalidade e a criatividade, a compreensão dos valores, o senso religioso. Isto faz com que, diferentemente dos demais seres, o ser humano seja dinâmico, que lute pelo sentido concreto de sua existência e transcenda a si mesmo.

Conforme a logoterapia, cada situação de vida é mostrada à pessoa de maneira concreta e irrepetível, portanto, o sentido de uma dada situação

é único. Por isso, os sentidos da vida não podem ser transmitidos pela tradição. Somente os valores são transmitidos e se tornam horizonte universal de possibilidades a serem efetivadas nas escolhas feitas dentro de situações particulares (FRANKL, 2005, p. 31). O ser humano é atraído pelos valores, e é por meio dos valores vivenciais, criativos e atitudinais, que há a realização de sentido, dependendo da circunstância, um valor vai parecer mais viável do que outro.

Isto é possível por causa da autotranscendência humana que consiste no fato essencial de o homem sempre apontar para além de si mesmo, na direção de uma causa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama. Por sua capacidade de se distanciar do psicofísico é que se manifesta o espiritual (ou dimensão noética) (FRANKL, 2003, p. 19). A autotranscendência é o dinamismo primário que guia a elaboração da identidade. Ela é o antídoto mais eficaz contra a autodestruição típica de uma cultura de narcisismo (FRANKL, 2003, p. 26).

O anseio mais profundo do homem é direcionar a visão para além de si em busca de sentido. Com efeito, o relacionamento com o transcendente revela-se como característica propriamente humana. A relação com o transcendente pode ser apreendida pela pessoa como diálogo interior com um interlocutor que não lhe é idêntico, mas parceiro de seus solilóquios mais íntimos, ou seja, Deus. Frankl defende o argumento de que isto é possível porque a dimensão de *homo religiosus* é constitutiva do ser humano e está em cada pessoa, mesmo que de modo inconsciente; neste caso, Frankl a considera como “fé inconsciente”, ou presença ignorada de Deus (FRANKL, 2010, p. 113-117).

Outro postulado importante na logoterapia é a concepção de *homo patiens*. Isto significa que o sofrimento, o destino e a morte fazem parte da vida. “Privar a vida da necessidade e da morte, do destino e do sofrimento, seria como tirar-lhe a configuração, a forma”. (FRANKL, 1989, p. 154). O sofrimento, portanto, não é equivalente à enfermidade (inclusive, psíquica), o sofrimento é algo inerente ao humano. É possível sofrer sem estar doente, e estar doente sem sofrer, pois há estados psíquicos doentios nos quais não há sofrimento. O importante a ser ressaltado, no entanto, é que o indivíduo cumpre sua orientação para a realização de sentido, não obstante o fracasso e apesar do sofrimento; principalmente porque o *homo religiosus* permite a possibilidade da superação da existência humana transposta à essência do *homo patiens*. Esta é a contribuição fundamental para nosso artigo.

2. O indivíduo em situação de sofrimento inevitável e a orientação para o sentido

A primeira indagação que aparece àquele que sofre é: “por que isto está acontecendo comigo?”. A resposta é dada não com o “porquê” do sofrimento, mas com o “como” sofrer. E é “[...] sempre uma resposta sem palavras”. (FRANKL, 1978, p. 283). O sentido do sofrimento é encontrado na atitude que elegemos ante uma situação que se nos apresenta tragicamente. Somente o ser humano tem o privilégio de eleger uma atitude perante sofrimento inevitável (XAUSA, 2003, p. 84).

O sentido do sofrimento, todavia, nem sempre é evidente, e, quando evidenciado, é apenas num tempo tardio, quando a pessoa se recorda de que algum fato realmente doloroso em sua vida “[...] pode ter tido um sentido que naquela ocasião não lhes era patente”. (LUKAS, 1989, p. 198). Com efeito, a motivação para encontrar sentido no sofrimento é extraída da própria experiência, de situações anteriores; mas também dos exemplos que um orientador espiritual pode narrar a respeito de outras pessoas.

Orientador espiritual, contudo, não pode cair na tentação de criar um mundo mágico para as pessoas, o otimismo não é imposto, nem é uma fraude. Antes, o caso é de mostrar que há razões para que a capacidade humana de ser otimista seja alimentada e possa vir à tona. Nesse contexto, Frankl falava sobre o *argumenta ad hominem*, expressão que se refere aos “argumentos a um homem”, ou seja, citar exemplos concretos de vida como Frankl fez mencionando o caso de Jerry Long, que ficou tetraplégico após um acidente e, utilizando-se do poder desafiador do espírito humano, transformou a própria tragédia em triunfo (FRANKL, 2013, p. 169).

Frankl destacava ainda a própria experiência de sofrimento nos campos nazistas de concentração, quando afirmava que, nos campos de prisioneiros, “[...] era possível ver o poder de decisão: enquanto um se deixava transformar num ‘patife’, outro se tornava um ‘santo’”. (FRANKL, 1978, p. 133). Mesmo num ambiente socialmente tão adverso e determinado ao pior, ainda restava ao homem a derradeira liberdade com a qual, de um modo ou de outro, conseguia configurar sua existência. No “[...] campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas”. (FRANKL, 1995, p. 66).

Frankl aborda o sofrimento humano, primeiramente, como destino. Conforme elucidamos há pouco, destino são os condicionamentos biológicos, sociológicos ou psicológicos resultantes do modo como interagimos

com acontecimentos, sentimentos, relacionamentos, e com o meio no qual vivemos. O destino é tudo o que não parte de nossas escolhas e restringe nossas decisões e, de algum modo, nos determina, nos condiciona. Tudo que faz parte do destino, entretanto, nos convida a perceber um conjunto de opções, mesmo em um quadro restrito de possibilidades (FRANKL, 1978, p. 157), conforme já adiantamos.

Quando o sofrimento faz parte do destino, o tratamento terapêutico se mostra ineficaz porque não há como remover o sofrimento. Nesse contexto, cuidar da atitude do paciente perante sua doença é a única saída possível, uma vez que a pessoa sob sofrimento pode decidir abreviar a própria vida, caso não encontre um sentido para conviver com o sofrimento.

Em segundo lugar, Frankl aborda o sofrimento com esteio no que ele denominou de tríade trágica. Essa tríade consiste em situações que circunscrevem inevitavelmente a existência humana: o sofrimento, a culpa e a morte (FRANKL, 2010, p. 90). Como reação à tríade trágica, Frankl propõe o otimismo trágico, na tripla capacidade latente no ser humano para enfrentar os maiores desafios da vida (FRANKL, 2013, p. 161)¹.

Uma vida com sentido tem condições de superar o sofrimento de modo positivo, transformando a tragédia pessoal em autossuperação, em triunfo, conquista, realização humana e até em felicidade, quando se descobre um sentido para o próprio sofrimento (FRANKL, 2013, p. 161). Quem basicamente acredita num sentido na sua vida também é capaz de suportar um grande sofrimento, porque sua vida permeada de sofrimento não perde seu sentido, apesar de ter seu prazer reduzido (LUKAS, 1990, p. 173).

E é a finitude da vida, o fato de que somos mortais, que torna nosso tempo e nossas possibilidades limitados e, é esse fato, principalmente, que faz ser pleno de sentido empreender algo, aproveitar uma oportunidade, realizar, satisfazer, aproveitar e preencher o tempo. A morte significa a pressão para tal (FRANKL, 1990, p. 75). Neste ponto, Frankl parodia Kant e seu imperativo categórico², lançando o que ficou conhecido como imperativo frankliano:

¹ O otimismo trágico seria: transformar o sofrimento em triunfo ou autossuperação; usar a culpa para autotransformação em alguém melhor; fazer da transitoriedade da vida um sentido para realizar ações responsáveis.

² Conforme o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), o imperativo categórico é uma proposição universal com base na qual todas as normas e obrigações podem ser deduzidas e nela estão fundamentadas pela razão humana e não por uma autoridade divina.

“viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora” (FRANKL, 2013, p. 134).

Esta máxima nos convida a considerar a finitude da vida e o sentido com que os atos atuais conduzem ao futuro. “Viva como se estivesse vivendo pela segunda vez”, ou seja, como se o momento atual fosse uma nova chance, ou melhor, chance única a qual não se pode desperdiçar. Nesse ponto de nossa reflexão, voltamos ao que foi exposto há pouco a respeito da tríade trágica. A consciência sobre a transitoriedade da vida nos oferece um sentido para realizar ações responsáveis. “Viva como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora” significa que a consciência da finitude pode despertar a responsabilidade de não se adiar indefinidamente uma vida com sentido, desperdiçando as oportunidades que aparecem no caminho.

Portanto, a finitude da vida nos motiva a realizar algo com sentido e com responsabilidade. Isto nos remete à questão dos valores. Vimos, no primeiro ponto deste artigo, que faz parte da logoterapia a vinculação entre sentido e valores. Há três categorias de valores: criadores, vivenciais e de atitude (atitudinais). Enquanto na primeira categoria o homem se realiza mediante um fazer, na segunda, ele se realiza por via de uma acolhida passiva (pela arte, por exemplo); já na terceira categoria, ele somente se realiza quando tem que aceitar algo precisamente tal qual é.

Isto significa que, numa situação de sofrimento inevitável, ainda poderemos responder à existência com amparo nos valores atitudinais, os quais chamam para a atitude de coragem e valentia para encontrar sentido, e não o desespero, no que é trágico. E isto significa que a vida humana pode atingir a sua plenitude, não apenas nos atos de criar e gozar, mas também no sofrimento.

Os fundamentos antropológicos da logoterapia pressupõem que o ser humano pode transcender os destinos biológicos, psicológicos e sociais por intermédio das escolhas com base nas quais reage a tudo o que lhe acontece. Sendo assim, o ser humano pode transformar os aspectos negativos da vida em algo positivo, ou seja, pode tirar o melhor de cada situação. Essa capacidade humana de otimismo não é uma fuga da realidade e não significa que os acontecimentos dolorosos sejam menosprezados. A capacidade humana de ser otimista significa que sempre se pode dizer sim à vida, apesar da tríade trágica.

3. Cura médica das almas e cura sacerdotal das almas

Em situações de sofrimento inevitável e iniludível, o terapeuta, sem abandonar sua condição profissional, deve acolher o sofrimento espiritual do paciente e orientá-lo sobre a capacidade de suportá-lo com sentido, pois há casos nos quais a preocupação principal não há como ser a do restabelecimento da saúde da pessoa, mas, especificamente, a de ajudá-lo a suportar o sofrimento.

A isto Frankl chama de “cura médica de almas” (ou cuidado médico espiritual, assistência médica espiritual) (FRANKL, 1994, p. 77-81), a qual consiste em que o médico responda à crescente procura por cuidado espiritual na Medicina. A “cura médica das almas” significa que o médico não pode subtrair-se frente aos enfermos que necessitam também de uma atenção espiritual (FRANKL, 2001, p. 82). Isto significa que o cuidado médico deve considerar, além da dor física e/ou psíquica, a dor de natureza espiritual, que, sendo constitutiva do humano, está em todas as pessoas, adoecidas ou não.

A cura médica de almas, como uma espécie de assistência médica espiritual, não estaria restrita ao psicoterapeuta, mas aos médicos de todas as especialidades que possam ter como paciente alguém que enfrenta uma situação de sofrimento inevitável.

Frankl lista múltiplas especialidades – potencialmente todas as especialidades clínicas – relativas a estas situações: o cirurgião que não queira se surpreender encontrando o seu paciente na mesa de autópsia, depois do suicídio; o ortopedista que lida com amputações, mutilações e deficiências; o oftalmologista diante de deficientes visuais; o dermatologista ao enfrentar dermatoses deformantes; o ginecologista que trata casos de esterilidade; e, ainda, o geriatra que tenta amenizar os achaques da velhice... A Logoterapia e a Análise Existencial convergem, então, para a questão do exercício lícito, por parte do psicoterapeuta desta suposta ultrapassagem da esfera clínica. (LIMA, 2012, pp. 59-60).

A logoterapia procura, nestes casos, ordenar e orientar o paciente para um sentido concreto e pessoal. Ela torna o paciente consciente de sua responsabilidade, a fim de que ele decida qual sentido deve ser cumprido em relação a “aquilo” perante o qual ele interpreta sua existência como uma responsabilidade (FRANKL, 1995, p.155); “aquilo” pode ser a consciência, a sociedade, alguém importante para si ou Deus.

É conhecido o efeito terapêutico de uma mera conversa, na qual a dor da alma é “compartilhada”, trazendo alívio. Inclusive, as psicoterapias tomaram por base o efeito terapêutico da “confissão dos pecados”, o qual fez

com que a psicoterapia e a Psicanálise, inicialmente, tivessem a pretensão de ser uma espécie de confissão secular e clínica.

Com a chegada do século XX, a maioria das pessoas, que antes buscavam conselhos e orientações nas igrejas, passou a recorrer às clínicas à procura de terapias. Quando as terapias, porém, não consideram a dimensão noética (espiritual) do ser humano, elas podem aumentar (ou até dar início) a frustração da vontade de sentido, pois há problemas que estão além da esfera do psíquico, cuja causa se encontra em um conflito moral ou em uma crise existencial, ou seja, na dimensão espiritual ou noética.

Para a logoterapia, contudo, a “cura médica das almas” quer somente responder à necessidade do paciente, sem que isso implique uma espécie de “competência” ou de rivalidade com as funções sacerdotais/religiosas:

“[...] afirmamos de antemão a respeito da “assistência médica da alma” (ärztliche Seelsorge) que esta, de forma nenhuma, quer substituir a “assistência pastoral da alma” (priesterliche Seelsorge)”. (FRANKL, 2010, p. 70).

De certo modo, as psicoterapias, mesmo que estejam circunscritas apenas ao âmbito científico e, na maioria dos casos, rejeitem completamente a contribuição das experiências espirituais ou da religiosidade, fornecem ainda, em maior ou menor grau, elementos que podem e devem ser utilizados na orientação espiritual ou *Seelsorge* (traduzido, geralmente, nos textos de Frankl em português por “cura sacerdotal das almas”).

O termo *Seelsorge* significa “cuidado da alma”, geralmente uma forma de assistência sacerdotal ou pastoral dispensada, no âmbito das igrejas, aos sofredores de tragédias existenciais. Ela se destina a ajudar o paciente que é portador de um mal irreparável a suportar seu inevitável sofrimento. (LIMA, 2012, p. 59).

Portanto, Frankl não descarta a orientação espiritual (cura sacerdotal das almas) como uma modalidade de assistência pastoral e religiosa que se destine a ajudar o paciente a suportar um sofrimento inevitável. “Da mesma forma que o médico irreligioso deve deixar ao paciente o que ele tem, isto é, sua fé, o médico que tem religião deve deixar ao sacerdote o que é dele, isto é, seu ministério”. (FRANKL, 2010, p. 70). Isto porque, apesar de a psicoterapia não estar a serviço da religião, tampouco a religião ser um instrumento para a psicoterapia, Frankl admite que em determinadas circunstâncias, como aquelas dos campos de concentração, a religião pode ser a única resposta contra o total desespero.

Quando se está em face de uma situação de sofrimento inevitável, na qual qualquer ato de heroísmo exija um sentido, manter-se firme em tais

circunstâncias só é possível quando se vislumbra– com suporte na sabedoria do próprio coração – a presença de uma testemunha maior, de um espectador mesmo que inconsciente, Deus, pelo qual o homem é desafiado e, “[...] perante o qual é responsável pela realização, que se lhe exige, de um sentido concreto e pessoal para a vida”. (FRANKL, 1995, p. 129).

É desse modo que os postulados da logoterapia podem colaborar com o exercício da orientação espiritual, cuja função específica consiste em ajudar a pessoa em seu crescimento na relação com Deus. Quando a orientação espiritual tem em vista ajudar a pessoa que sofre, é o caso de levá-la a descobrir que, mesmo quando todo sofrimento, todas as lutas, todos os problemas parecem não fazer qualquer sentido, ainda assim há um sentido que transcende toda a experiência humana e perante o qual até mesmo a mais absurda tragédia humana se torna compreensível (FRANKL, 2013, p. 161).

Neste ponto, a logoterapia abre caminho para o objeto último da orientação espiritual, pois, conforme Frankl, a logoterapia, ao focar a vontade de sentido como motivação primária do ser humano, pode ocupar-se também com a vontade de um sentido último, de um suprasentido, encontrado na relação que se estabelece com Deus perante o qual, em última instância, se é responsável (FRANKL, 1989, p. 61). A fé é uma força criadora que torna a pessoa mais forte em situações dolorosas, incompreensíveis racionalmente. Em razão da impossibilidade de se responder à pergunta “por que aconteceu isto comigo?”, adere-se à crença de que há um sentido incondicional para a vida, e, então, há um sentido para o acontecido adverso que pode ser apreendido pela fé. Este é o âmbito da orientação espiritual, seu objetivo é despertar a pessoa para a consciência do sentido último, principalmente quando a existência de qualquer sentido parece absurda.

Em tempos remotos, a assistência espiritual no âmbito das igrejas era chamada de “direção espiritual” ou de “cura sacerdotal das almas” e era de responsabilidade de autoridades eclesiásticas, como padres, monges ou pastores. Em tempos modernos, essa atividade passou a ser exercida como um acompanhamento espiritual realizado também por qualquer pessoa no âmbito das igrejas, desde que seja devidamente preparada para essa função (HOFF, 2005; SCIADINI, 2009).

Considerações finais

Em se tratando da eficácia da orientação espiritual no contexto do surgimento das psicoterapias, apesar da importância destas, como o sofrimento é uma realidade antropológica, o cuidado com a pessoa que sofre

pode ser delegado a alguém que não seja terapeuta, desde que haja maturidade suficiente para desempenhar a tarefa de aconselhamento ou de orientação.

A orientação espiritual tem como função específica auxiliar as pessoas na intensificação de suas experiências de fé e, em determinados casos e em condições bem precisas, pode ser ajudada, mas nunca substituída, por modalidades de análise ou de ajuda psicológica. Em sendo situações nas quais o sofrimento é inevitável, consideramos que a logoterapia, com apoio em seus fundamentos antropológicos e em seus postulados a respeito do sentido do sofrimento, contribui bastante na eficácia da orientação espiritual, desde que os campos de ação do psicoterapeuta e do orientador espiritual estejam bem definidos.

Uma leitura acurada dos textos de Frankl permite, a quem não é terapeuta, encontrar subsídios que possam consolidar a prática da orientação espiritual, porque a obra frankliana traz uma compreensão de homem como ser em busca de sentido e não como alguém pandeterminado ou reduzível às dimensões somática e psíquica (FRANKL, 2013, pp. 152-153). Além disso, a logoterapia ultrapassa as fronteiras internas da psicoterapia, denotando valores éticos como compromisso com a liberdade e a responsabilidade e valorização do ser humano como *homo patiens* e *homo religiosus*.

O orientador espiritual poderá utilizar os postulados da logoterapia para ajudar o sofredor a enfrentar o inevitável, para orientá-lo a encontrar o sentido da vida nas “situações limites” perante as quais cada ser humano se confronta verdadeiramente consigo mesmo. Por via da leitura da obra de Frankl, o orientador espiritual poderá despertar na pessoa que está sofrendo a consciência de que a vida conserva o sentido para em ultrapasse aos êxitos ou aos fracassos; e que a falta de solução para uma circunstância trágica não significa falta de sentido na vida, pois nem o sofrimento, tampouco a culpa ou até mesmo a morte podem privar a vida de sentido.

E, finalmente, a leitura das obras de Frankl pode ajudar o orientador espiritual a corrigir sua prática de orientação aos sofredores, pois a orientação espiritual jamais deverá tentar convencer o sofredor de que suas angústias são consequências do pecado, da culpa ou da falta de fé. A orientação espiritual jamais deverá ser apologia de uma religião ou doutrina, mas uma maneira de solidarizar-se com o sofredor e de ajudá-lo a encontrar sentido em tudo o que lhe acontece.

A orientação espiritual não é destinada apenas a quem está sofrendo, mas o mistério do sofrimento, um dos aspectos mais impres-

sionantes da realidade, deve ser considerado na prática da orientação espiritual de maneira adequada e, nesse ponto, a obra de Frankl é de suma importância, pois elucida que a preocupação fundamental de quem quer ajudar à pessoa que sofre deve ser a de despertá-la para a necessidade de encontrar sentido na vida e não para dar ao sofredor respostas abstratas e preestabelecidas.

A orientação espiritual, quando é elucidada pelos princípios da logoterapia de Frankl, não é tentada a explicar o sofrimento, mas preocupa-se em favorecer uma anamnese para que o sofredor traga à memória as próprias experiências de fé e de sentido que fazem parte de seu passado, para que no momento da crise existencial encontre a força que vem dos diversos sentidos experienciados ao longo da vida.

Na atualidade, apesar de a ideologia da Pós-Modernidade nos iludir sobre brevidade dos sentimentos e acerca da fugacidade das experiências existenciais, há um número inexprimível de sofredores que anseiam por um sentido que preencha seu vazio existencial. Essa situação questiona a prática da orientação espiritual baseada na valorização de dons e de fenômenos extraordinários, arraigada na desvalorização do compromisso e no anúncio de um Deus que privilegia pessoas em detrimento de outras. Questiona a orientação espiritual que supervaloriza mediadores e mediações, como correntes, campanhas e promessas com as quais se espera alcançar o favor divino, semelhante aos mitos das antigas civilizações.

A orientação espiritual embasada nos fundamentos da logoterapia será um convite para que todo sofredor, como *homo patiens* e *homo religiosus*, tenha um encontro existencial com o Deus que sempre esteve no mais íntimo de seu ser, durante a vida inteira, mesmo que de modo inconsciente, pouco perceptível ou ignorado.

Referências Bibliográficas

FRANKL, Viktor. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida**: fundamentos da Logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 1989.

_____. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas: Papirus, 1990.

_____. **La voluntad de sentido**: Conferencias escogidas sobre logoterapia. 3 ed. Barcelona: Herder, 1994.

_____. **Logoterapia e Análise Existencial**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

_____. **Psicoterapia y existencialismo:** Escritos selectos sobre logoterapia. Barcelona: Herder, 2001.

_____. **La idea psicológica del hombre.** Madrid: RIALP, 2003.

_____. **Um sentido para a vida:** psicoterapia e humanismo. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

_____. FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. 34 ed. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2013.

_____. **A presença ignorada de Deus.** Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 12 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **A Vontade de sentido:** fundamentos e aplicações da Logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Logoterapia e Análise Existencial:** textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.

HOFF, Paulo. **O Pastor como Conselheiro.** São Paulo: Editora Vida, 2005.

LIMA, Maria Eugênia Calheiros de. **A plenitude humana e o cuidado integral na perspectiva de Viktor Frankl.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2012.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia:** a força desafiadora do espírito. São Paulo: Leopoldianum; Loyola, 1989.

_____. **Mentalização e saúde.** Petrópolis: Vozes, 1990.

SCIADINI, Patrício. **A Pedagogia da Direção espiritual.** 2 ed. São Paulo: Loyola, 2009.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A psicologia do sentido da vida.** 2 ed. Campinas: Vide Editorial, 2011.

_____. **O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

**Profa. Dra. Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, INJ*
Doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
- FAJE. Professora da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF.